

DE ANCARA AO DONBAS: A GUERRA PERMANENTE COMEÇOU

A guerra do século XXI transcende o campo de batalha e se torna uma verdadeira “Batalha de Sistemas”. Mais do que confrontos militares, a competição estratégica atual exige a reorganização permanente de indústrias, economias e tecnologias, transformando a defesa nacional em um esforço de longo prazo que a América Latina deveria levar mais a sério.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Há quase dois séculos, Clausewitz formulou uma das definições mais profundas, porém menos citadas, de toda a sua obra. Ao afirmar que a guerra pertence ao domínio da vida social, ele alertou que ela não poderia ser compreendida apenas como um fenômeno militar. A guerra expressa a maneira como uma sociedade organiza seu poder político, econômico, industrial e moral para impor sua vontade a outra. Dois séculos depois, essa percepção permanece extraordinariamente relevante. A guerra do século XXI não transforma apenas exércitos; ela reorganiza indústrias, economias, sistemas tecnológicos, infraestruturas críticas, cadeias de suprimentos e sociedades inteiras.

Portanto, para compreender a batalha de Kostiantynovka ou as decisões tomadas durante a recente cúpula da OTAN em Ancara, é essencial olhar muito além do campo de batalha.

Durante décadas – especialmente após o fim da Guerra Fria –, o Ocidente acreditou ter entrado em uma era na qual grandes conflitos convencionais eram coisa do passado. As operações militares concentravam-se em campanhas limitadas, intervenções contra atores não estatais ou missões de estabilização. A guerra entre grandes potências parecia uma possibilidade remota. A Ucrânia, no entanto, provou que essa percepção estava errada. O que é verdadeiramente novo não é apenas o retorno da guerra convencional, mas a confirmação de um paradigma no qual a competição estratégica se revela uma característica permanente do sistema internacional.

Enquanto as nações da OTAN, em Ancara, debatiam aumentos sustentados nos gastos militares, a expansão da base industrial de defesa, a inovação tecnológica e a aceleração da produção de armamentos, Vladimir Putin presidia uma reunião em um posto de comando avançado com Valery Gerasimov e os comandantes de todos os grupos operacionais para avaliar a campanha e definir objetivos para o verão.

O documento divulgado posteriormente é particularmente revelador. Ele descreve mais do que apenas operações militares; delineia um conceito estratégico baseado em ofensivas contínuas, na expansão das chamadas zonas de segurança e na destruição sistemática do complexo militar-industrial da Ucrânia por meio de ataques a fábricas, aeródromos, centros logísticos e infraestrutura energética. Duas reuniões realizadas quase simultaneamente sintetizam a transformação do cenário internacional melhor do que qualquer discurso. A OTAN está reorganizando sua capacidade industrial para sustentar um esforço prolongado. A Rússia está reorganizando seu aparato militar e industrial para dar continuidade a uma campanha concebida como uma guerra de atrito. Nenhum dos blocos planeja uma guerra curta; ambos estão preparando suas estruturas nacionais para um confronto de duração indefinida.

Nesse contexto, a batalha por Kostiantynovka assume uma importância que transcende em muito o destino de uma única cidade do Donbass. Desde 2014, a Ucrânia desenvolveu no local um complexo sistema defensivo, abrangendo Lyman, Siversk, Chasov Yar, Toretsk, Kostiantynovka, Druzhkivka, Slaviansk e Kramatorsk. Não se tratava de posições isoladas, mas de uma verdadeira fortaleza em camadas, interligada por estradas, ferrovias, depósitos logísticos e posições fortificadas ao longo de mais de uma década.

ABASTECIMENTO

O debate público muitas vezes se resume a determinar quem controla um bairro ou quando uma bandeira substitui outra. Do ponto de vista operacional, no entanto, uma cidade começa a ser perdida muito antes de sua ocupação final. Quando os suprimentos deixam de chegar, quando as reservas não conseguem substituir unidades exaustas e quando as comunicações são comprometidas e as linhas logísticas cortadas, a derrota militar começa a se concretizar, mesmo enquanto prosseguem os combates rua a rua.

É precisamente por essa razão que a guerra moderna incorpora um fenômeno que denominamos “Névoa da Guerra 2.0”. Clausewitz descreveu a incerteza inerente ao combate; hoje, essa incerteza não é mais apenas uma consequência do caos das operações militares, ela também é deliberadamente fabricada.

Propaganda, imagens de satélite, drones, redes sociais, campanhas de desinformação, declarações oficiais e operações psicológicas fazem parte do mesmo campo de batalha. Cada ator tenta impor uma interpretação diferente de uma realidade em constante evolução. Os próprios documentos oficiais russos reconhecem essa dimensão ao acusar Kiev de ocultar baixas, retratar territórios capturados como “zonas cinzentas” e conduzir campanhas de informação destinadas a sustentar a percepção de sucesso militar. Independentemente de se concordar ou não com essa interpretação, é significativo que o próprio Kremlin considere o domínio da informação um componente essencial da campanha.

BATALHA DE SISTEMAS

A guerra do século XXI não coloca mais exércitos uns contra os outros de forma isolada; ela coloca sistemas nacionais inteiros em confronto. Cada míssil interceptado depende de uma indústria capaz de fabricar novos interceptadores. Cada drone exige microeletrônica, inteligência artificial, energia, comunicações e logística. Cada brigada necessita de combustível, transporte, manutenção e de uma economia capaz de sustentá-la. A batalha decisiva não é mais travada exclusivamente nas linhas de frente; ela se estende a fábricas, laboratórios, universidades, portos, redes elétricas e orçamentos nacionais.

Propomos, portanto, falar de uma verdadeira “Batalha de Sistemas”. A Rússia aposta na manutenção de uma economia adaptada a um esforço militar prolongado, ao mesmo tempo em que tenta destruir a capacidade industrial da Ucrânia. A OTAN busca fortalecer simultaneamente sua própria indústria de defesa para garantir suprimentos à Ucrânia e recompor seus estoques estratégicos. Ancara e Kostiantynovka representam dois cenários distintos dentro do mesmo conflito: um reflete a reorganização industrial do Ocidente, enquanto o outro demonstra a aplicação militar dessa competição.

Esse processo nos conduz inevitavelmente a um conceito mais amplo: a Guerra Permanente. Isso não significa combate contínuo, mas sim a reorganização permanente dos instrumentos de poder nacional. Durante o século XX, as economias se mobilizavam apenas quando a guerra eclodia. No século XXI, as grandes potências reorganizam permanentemente suas indústrias, sistemas tecnológicos, cadeias logísticas e capacidades militares para sustentar uma competição estratégica constante, mesmo na ausência de operações militares abertas.

A principal lição para a Ibero-América é evidente. Argentina, Brasil e México não podem encarar esses eventos como se dissessem respeito apenas à Europa. O novo cenário

internacional moldará a energia, o comércio, a tecnologia, os investimentos, as cadeias logísticas, a produção industrial e os recursos estratégicos. A defesa nacional não pode mais ser reduzida à aquisição de armamentos (ou à terceirização de serviços para aliados de conveniência). Ela começa pela indústria, pela infraestrutura crítica, pela educação científica, pela energia, pela tecnologia e pela capacidade de preservar a autonomia de decisão do Estado. Talvez a principal lição destes tempos não venha de Ancara ou de Kostiantynovka vistas isoladamente. A verdadeira novidade reside no fato de que ambas representam a mesma transformação histórica. Enquanto uma cidade fortificada determina o futuro imediato da campanha no Donbass, dois grandes blocos reorganizam simultaneamente suas economias, indústrias, doutrinas e tecnologias para sustentar uma rivalidade prolongada.

O ÂMBITO DA VIDA SOCIAL

Clausewitz compreendia que a guerra pertencia ao âmbito da vida social. Dois séculos mais tarde, essa afirmação ganha uma nova dimensão. A guerra não começa mais quando o primeiro drone decola, nem termina quando uma cidade cai. Ela começa quando uma nação adapta silenciosamente todo o seu sistema de poder para competir em um mundo cada vez mais instável. E, no entanto, mesmo nesta era de inteligência artificial, satélites, drones e domínio cognitivo, uma verdade tão antiga quanto a própria história permanece inalterada: as tecnologias multiplicam o poder, as economias sustentam o esforço e as indústrias produzem os meios – mas são ainda os seres humanos que tomam as decisões, mantêm o terreno e traduzem a força em um resultado político. A história muda suas ferramentas; não muda sua essência.

Você acha que nossos líderes compreendem isso? Até a próxima semana.

Publicado no [La Prensa](#).

****Gabriel Camilli** é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
